Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

"Ler oferece viver muitas vidas, com a possibilidade de ser mais que um": uma entrevista com a Prof.ª Dra. Eliana Yunes

Felino Freitas[*]
Mediador de leitura, mestre e doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, e cursa a licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). É autor da obra "Mediação de leitura para o encanto" (Telha, 2024).
https://orcid.org/0000-0001-8886-3254

Eliana Yunes [**]
Nascida em Nova Friburgo (RJ), figura entre as principais referências brasileiras na reflexão sobre a leitura como prática cultural e experiência formativa.
https://orcid.org/0000-0002-1181-9367

Recebido em 03 abr. 2026. **Aprovado** em: 28 ago. 2026

Como citar esta entrevista:
FREITAS, Felino. "Ler oferece viver muitas vidas, com a possibilidade de ser mais que um": uma entrevista com a prof.ª dra. Eliana Yunes. *Revista Letras Raras.* Campina Grande, v. 15, n. 2, e-7515, nov. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.23889980.

RESUMO
A entrevista com a prof.ª dra. Eliana Yunes, uma das principais referências brasileiras no campo da leitura e da formação de leitores, aborda a sua trajetória intelectual e institucional, destacando sua atuação decisiva na formulação de políticas públicas, com ênfase na criação e na implementação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) na década de 1990. A discussão fundamenta-se na concepção de leitura como prática cultural, ética e política, superando visões meramente instrumentais para incorporar a "leitura de mundo" e a interdisciplinaridade. Metodologicamente, a entrevista utilizou um roteiro semiestruturado que privilegiou a narrativa reflexiva e a memória como formas de produção de conhecimento. Os tópicos abordados incluem a importância da oralidade e da contação de histórias, o papel do mediador como responsável por criar condições sensíveis entre o texto e o sujeito, e os desafios da descontinuidade das políticas de livro e leitura no Brasil. Ao final, reflete-se sobre a urgência de uma alfabetização que priorize o imaginário, o diálogo e a fruição literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental, defendendo que a gramática deve ser precedida pelo exercício constante da interpretação e da expressão.
PALAVRAS-CHAVE: Mediação de leitura; Políticas públicas; PROLER; Formação de leitores.

[*] felinio.freitas@unesp.br

[**] eliana.yunes@gmail.com

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

RESUMEN

La entrevista con la prof.ª dra. Eliana Yunes, una de las principales referencias brasileñas en el campo de la lectura y de la formación de lectores, aborda su trayectoria intelectual e institucional, destacando su actuación decisiva en la formulación de políticas públicas, con énfasis en la creación e implementación del Programa Nacional de Incentivo a la Lectura (PROLER) en la década de 1990. La discusión se fundamenta en la concepción de lectura como práctica cultural, ética y política, superando visiones meramente instrumentales para incorporar la "lectura de mundo" y la interdisciplinariedad. Metodológicamente, la entrevista utilizó un guion semiestructurado que privilegió la narrativa reflexiva y la memoria como formas de producción de conocimiento. Los tópicos abordados incluyen la importancia de la oralidad y del contar historias, el papel del mediador como responsable por crear condiciones sensibles entre el texto y el sujeto, y los desafíos de la discontinuidad de las políticas del libro y la lectura en Brasil. Al final, se reflexiona sobre la urgencia de una alfabetización que priorice el imaginario, el diálogo y el gozo literario en los años iniciales de la Enseñanza Fundamental, defendiendo que la gramática debe ser precedida por el ejercicio constante de la interpretación y de la expresión.

PALABRAS CLAVE: Mediación de lectura; Políticas públicas; PROLER; Formación de lectores.

1 Introdução

O nome da prof.ª dra. Eliana Yunes, nascida em Nova Friburgo (RJ), figura entre as principais referências brasileiras na reflexão sobre a leitura como prática cultural e experiência formativa. Sua atuação acadêmica e institucional, envolvendo universidades, políticas nacionais de incentivo à leitura e iniciativas de formação de leitores e de mediadores de leitura, atravessa momentos decisivos da constituição do campo do livro e da leitura no Brasil, que se consolidou ao longo das últimas décadas em meio a disputas de diversas ordens.

Sua produção teórica e profissional foi determinante para redefinir a leitura e a mediação de leitura para além de uma perspectiva meramente instrumental. Ao incorporar os conceitos de “leitura de mundo” (Freire, 2011) e de outras linguagens artísticas (Yunes, 1992), sua atuação expandiu a compreensão do ato de ler, caracterizando-o como uma experiência simbólica, ética e política, essencial para a constituição do sujeito em sua relação com o mundo.

A sua trajetória acadêmica foi construída a partir de uma formação interdisciplinar, desenvolvida em instituições nacionais e internacionais. É graduada em Filosofia e Letras pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia (FFSD) e doutora e mestra em Letras pela Pontifícia

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Também é doutora em Linguística e Filologia pela Universidade de Málaga (1976), na Espanha. Em seu currículo constam ainda dois pós-doutorados: um em Leitura pela Universidade de Colônia, na Alemanha; e outro pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França. Sua atuação como professora universitária ocorreu entre 1970 e 2018, em instituições como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a PUC-Rio, além de passagens por instituições internacionais como professora visitante.

Eliana Yunes também contribuiu de forma significativa para importantes iniciativas, como a criação e a idealização do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)[1], vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, projeto no qual atuou entre 1991 e 1996; a criação compartilhada da Cátedra Unesco de Leitura no Brasil no ano de 2006; assim como da Rede de Estudos Avançados em Leitura (RELER), em 2005. Também dirigiu o Instituto Interdisciplinar de Leitura (iiLer) da PUC-Rio e participou, até 2018, como conselheira da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (MinC).

Em seu currículo constam mais de 90 capítulos de livros publicados e mais de 40 obras. É autora, por exemplo, de *Leitores a caminho: formando agentes de leitura* (Yunes, 2011) e *Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres* (Yunes, 2016). Também organizou livros como *A experiência da leitura* (Yunes; Oswald, 2003), *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura* (Yunes; Versiani; Carvalho, 2012) e *A representação da infância no texto literário* (Yunes; Galvão; Carvalho, 2022), entre outras produções.

A trajetória da professora Eliana Yunes como pesquisadora, escritora e intelectual constitui uma fonte que permite compreender as condições institucionais e políticas que moldaram práticas e

[1] O PROLER foi criado pelo Decreto Presidencial n° 519, de 13 de maio de 1992. Entre os objetivos do programa estavam "I - promover o interesse nacional pelo hábito da leitura; II - estruturar uma rede de projetos capaz de consolidar, em caráter permanente, práticas leitoras; III - criar condições de acesso ao livro" (Brasil, 1992, s/n). Para mais informações sobre políticas públicas na área do livro e da leitura, ver o texto *Políticas de leitura: registro de memórias e apontamentos críticos* (Yunes, 2007). Sobre a criação do PROLER, destaco os trabalhos *Proler: um estudo sobre a sua implementação*, de João Batista Coelho (2009), e *História e memória do PROLER (1992-1996): Uma Experiência Instituinte de Leitura*, da pesquisadora Stella de Moraes Pellegrini (2010).

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

concepções sobre leitura e formação cultural bem como seus impactos na atual configuração do campo no Brasil.

Nesse contexto, a entrevista busca registrar aspectos da trajetória intelectual e institucional de Yunes, destacando suas reflexões sobre formação de leitores, mediação de leitura e políticas públicas do livro e da leitura no Brasil. As questões propostas articulam memória, experiência e elaboração conceitual, contribuindo para o debate contemporâneo sobre o papel do livro, da leitura, da literatura e da oralidade na formação cultural e cidadã.

2 A realização da entrevista

Realizada via e-mail no mês de fevereiro de 2026, do ponto de vista metodológico, a entrevista foi conduzida por meio de um roteiro semiestruturado[2], privilegiando a narrativa reflexiva e a elaboração conceitual da experiência da entrevistada como formas legítimas de produção de conhecimento sobre práticas culturais e educacionais. Para isso, foram preparadas questões exploratórias com o objetivo de revelar não apenas o pensamento intelectual da entrevistada, mas também sua atuação e trajetória em relação aos temas discutidos.

Após revisão textual, a entrevista foi submetida à apreciação da entrevistada para leitura e aprovação. Destaca-se que as notas de rodapé são de responsabilidade do entrevistador, não refletindo necessariamente a opinião ou o ponto de vista da professora. Elas foram incluídas como forma de contextualização histórica das informações presentes nas respostas fornecidas durante a entrevista.

A relevância da entrevista pode ser justificada no âmbito do debate contemporâneo sobre a mediação de leitura, as políticas públicas do livro e a formação de leitores no Brasil, questões

[2] Agradeço à prof.ª dra. Rejane Galvão Coutinho, minha orientadora no doutorado e docente da Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA/UNESP), campus de São Paulo, pela leitura das perguntas, pelas diversas provocações e pelos apontamentos realizados durante a roteirização desta entrevista.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

fundamentais para os campos educacional, político e cultural. Em um cenário marcado por descontinuidades institucionais, reconfigurações curriculares e disputas acerca do lugar da leitura na sociedade e na escola ou do seu papel no fortalecimento da cidadania, torna-se relevante revisitar trajetórias intelectuais que tenham contribuído para a consolidação desse campo como espaço de reflexão teórica e de intervenção pública, por meio da criação de programas na área do livro e da leitura.

3 Entrevista

Entrevistador: Professora, como mediador de leitura, tenho refletido sobre a importância das memórias afetivas com o livro ao longo da vida como um elemento central na nossa formação leitora. Assim, para iniciar nosso diálogo, poderia compartilhar experiências ou memórias centrais de sua trajetória como leitora, incluindo pessoas, lugares ou situações que tenham marcado afetivamente sua relação com o livro e com a leitura?

Eliana Yunes: Todas as relações humanas verdadeiras e marcantes são de ordem afetiva, pois o conhecimento se constitui da sensibilidade/percepção para a razão/reflexão. Minhas memórias mais antigas remetem a meu avô que me levou a ouvir novelas radiofônicas de heróis e, depois, às matinês de cinema; à praça de eucaliptos na cidade de interior (Nova Friburgo/RJ), onde, nas manhãs de domingo, toda a família lia junto: jornal, romance, gibis; ao presente de meu padrinho, a obra completa de Monteiro Lobato, quando uma epidemia me isolou; às parábolas nas aulas de religião, aos sábados à tarde. Tudo isso me levou ao encantamento com as narrativas que estavam muito além de meu horizonte de menina.

Entrevistador: Que marcas dessas experiências leitoras podem ser identificadas em seu percurso profissional? Além disso, como essas vivências dialogam com sua compreensão

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

sobre o que significa ler, formar leitores e mediar a leitura, especialmente considerando a importância do contexto em todo esse processo?

Eliana Yunes: Alfabetizada aos 05 anos, lia sozinha, mas fui convocada a contar as histórias lidas em conversas à refeição, e com os irmãos mais novos. Ler e contar. A curiosidade sobre o mundo abrira meus olhos e meu desejo de conhecer e partilhar, a partir das leituras, filmes, audições, sem que houvesse qualquer projeto pedagógico *a priori*. Ler e contar era natural no cotidiano da casa. Havia romances em estantes mais altas, narrativas históricas, revistas de fotonovelas, e as publicações povoadas de imagens sobre uma mesinha de canto, na sala. Conversar sobre leituras, acontecimentos diários, não era restrito a adultos, sobretudo depois que as grandes obras como o *Quixote* e *Romeu e Julieta* entraram no universo escolar.

Com isso, ler múltiplas linguagens, partilhar leituras, conversar e pensar sobre as histórias que não saíam da mente com certeza me levou da leitura à interpretação, ao diálogo, mais tarde à crítica, fortalecendo o desejo das trocas. LER significava, para mim, ampliar o mundo.

Entrevistador: Como a senhora avalia o panorama do ato de ler no Brasil ao longo de sua trajetória profissional? Nesse sentido, como percebe as relações entre a leitura da palavra, a leitura de mundo e os saberes populares e culturais na formação de leitores?

Eliana Yunes: Circunstâncias ajudaram a indeterminar uma carreira. Eu queria saber algo mais para entender melhor a realidade, diante do imaginário que me oferecia outros caminhos. Ao me deparar, na pós, com a complexa situação política dos anos 70 — relutância de crianças frente ao estudo, professores mecanizados pelo mimeógrafo, índice de analfabetos funcionais gritante — optei por concentrar-me na interdisciplinaridade que me parecia evidente nas graduações feitas: a filosofia da linguagem dialogava bem com a teoria da literatura; e assim me vi mergulhada nas teorias da leitura e da formação de leitores.

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Os anos 80 foram pródigos nesses estudos, em diversos polos universitários no Brasil, diante da demanda evidente por pensamento crítico. E a contribuição de Paulo Freire tornou lúcida a relação entre a leitura da palavra e a leitura de mundo.

O movimento pendular das iniciativas atrasa enormemente o país, até econômica e cientificamente. O Brasil já viveu o PROLER, da Fundação Biblioteca Nacional, que tomou o país por inteiro, durante 05 anos, com o desejo de ler; viu nascer a PNLE[3]; criou redes de bibliotecas escolares e comunitárias; distribui milhões de livros didáticos e literários; mas vive na gangorra dos orçamentos, dos salários baixos e da precária formação de professores, apesar dos expoentes nacionais.

Como os saberes culturais populares só agora emergem do ostracismo, pode ser que esta nova onda de circulação garanta a permanência de sua contribuição nas novas gerações de cidadãos. Os ângulos de visão diversos, registrados nas expressões de cada povo e comunidade, tornam o conceito humano, de fato, mais qualificável como tal.

Entrevistador: Nos anos 1990, em um Brasil que vivenciava as transformações da redemocratização e a consolidação da Constituição de 1988, qual era o cenário das políticas de livro e leitura? De que maneira esse contexto político-social dialogou com a criação do PROLER e quais eram os principais desafios daquela década?

Eliana Yunes: A Ditadura deixou, com a Lei nº 5.692[4] , a obrigatoriedade da leitura de livros na escola, de forma ainda muito rarefeita, pelas condições materiais, políticas e sociais do contexto.

[3] O Programa foi instituído pela Lei nº 13.696, de 13 de julho de 2018, a partir de diálogos realizados ao longo de 10 anos no âmbito das atividades do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). A PNLE constitui-se como uma estratégia para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil. Entre as suas diretrizes estão o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC); a leitura e a escrita como direitos; e o reconhecimento das cadeias que envolvem o livro, como mediadores/as de leitura, a produção, a circulação e a distribuição, entre outras (Brasil, 2018).

[4] A Lei, promulgada pelo presidente-ditador Emílio Garrastazu Médici, fixava as diretrizes e bases do ensino de 1º (hoje Ensino Fundamental) e 2º (atual Ensino Médio) graus, estabelecendo, entre outros aspectos, a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino para crianças de 7 a 14 anos, a qualificação para o trabalho e a atenção ao estudo do português como língua nacional, meio de comunicação e expressão da cultura brasileira (Brasil, 1971). Maria Alice Barroso, diretora

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O surgimento do MinC, nos 80, reunindo as instituições de arte, memória, patrimônio, sinalizou o fortalecimento conceitual da área, sem lhe dar o acompanhamento material correspondente.

Apesar de tudo, a renovação de ideias e ações chegou, em 1991, à Biblioteca Nacional (BN). Esta já abrigava o Instituto Nacional do Livro (INL)[5], resultado da passagem de Mário de Andrade pela BN, e estendeu às bibliotecas públicas e ao fomento à leitura seu empenho gerencial. A integração entre os níveis federal, estadual e municipal que a BN liderou permitiu a inserção pessoal e coletiva de muito excluídos, em um programa de trabalho em favor da leitura, que tinha identidades locais, mas respondia a uma identificação nacional. Havia grupos criadores amparados teórica e didaticamente, e não meros repetidores de um fazer adestrado.

Esta diferença, semear a palavra na praça, como quis Castro Alves, e não a partir dos gabinetes, resultou em uma compreensão renovadora da concepção de leitura, que deixou de ser instrumental para servir ao pensamento em formação crítica. O impacto teria sido maior se não tivesse sido abortada em fins de 1996, por intrigas palacianas contra os gestores. A gangorra desceu e com ela subiu a descontinuidade, erva daninha. Voltaram a invocar a leitura minutada, rejeitaram a contribuição dos leitores-contadores, uniformizaram e centralizaram o trabalho até fazê-lo insignificante. Os que seguiram por sua conta geraram novos trabalhos originais que resistem na formação de leitores desescolarizados e de mediadores em reescolarização, dentro e fora dos espaços regulares de formação.

---

do INL, ao apresentar alguns dados sobre o Instituto e demonstrar como essa Lei impactou a questão do livro, reflete que o assunto livro ganhou uma atenção redobrada, por meio do MEC e das Secretarias Estaduais de Educação: "Como um desdobramento da lei 5.692, exigindo e demandando a pesquisa bibliográfica, novo enfoque foi dado à criação da biblioteca pública, aberta aos estudantes, mais ampla que a biblioteca escolar, geralmente confinada apenas aos alunos, de um único estabelecimento de ensino" (Barroso, 2017, p. 47).

[5] O INL foi criado no ano de 1937, durante o Estado Novo, e extinto na década de 1990, durante o Governo de Fernando Collor de Melo. O pesquisador Aníbal Bragança (2009) ressalta que o INL nasce em um contexto em que a cultura letrada ainda não havia sido enraizada, mas os meios de comunicação de massa começavam a ganhar forças. Entre as incumbências do INL estavam o aumento, a melhora e o barateamento da impressão de obras, bem como o incentivo à abertura, à organização e à manutenção de bibliotecas. Além das questões práticas, segundo a pesquisadora e bibliotecária Zita Catarina Prates de Oliveira (1994), a criação do INL também ocorreu por questões político-ideológicas e econômicas do Estado. Para a autora, além de contribuir com a cultura nacional por meio da publicação de obras e do fomento ao setor, uma das preocupações era com o possível uso de livros como um desestabilizador de ideias, o que poderia causar desordens sociais.

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Entrevistador: Como caracterizaria os mediadores de leitura com quem teve contato por meio do PROLER? Quais aspectos de suas atuações ou de suas trajetórias de vida a senhora considera mais marcantes ou significativos para o sucesso do programa?

Eliana Yunes: Os contadores de histórias não fizeram o PROLER, ao contrário. O Programa, uma política posta em prática efetiva, recriou o exercício de ler e contar literatura, oralmente, uma tradição milenar que deu origem à literatura escrita como a temos. Seu papel era de voltar a seduzir o público que não lia, para que buscassem os livros. E mais: entender que narrativas não estão apenas na escrita, mas nas imagens, nas sonoridades, nas organizações. Um jornal difere do outro com as mesmas notícias que, narradas a seu modo ideológico, levam a diferentes interpretações. O papel do mediador é este: de ser tão apaixonado pelo sentido da vida, do mundo, da palavra — pela interpretação, afinal —, que possa ajudar a ver quantas delas se abrigam sob um texto.

Entrevistador: Na obra *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados* (2009), como chegou à compreensão sobre o papel da oralidade e da contação de histórias na aproximação com a leitura e na formação de leitores?

Eliana Yunes: O referido livro, *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*, é um documento acadêmico, com uma teoria de formação do Leitor, a que foi criada e aplicada no PROLER, construída e reconstruída, paulatinamente, sobre a experiência que avançava, dia a dia, nos seminários semestrais, em 90 polos com mais de 600 municípios envolvidos por convênios (o Brasil tinha então 2.900 municípios). Uma extensão mais completa e complexa está em outro livro: *Pensar a leitura: complexidade* (Yunes, 2002). Fica claro, em ambos, que a oralidade era um ponto de partida, e a contação de histórias, uma prática comum no cotidiano ordinário dos sujeitos, sem levar em conta o maravilhamento da literatura contada, que precisava ser retomada.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Na estratégia de envolvimento dos potenciais leitores, procuramos descartar a ideia de um sujeito letrado e experiente como dono do saber, agente e promotor, com as técnicas infalíveis, com as receitas pedagógicas. O mediador, que é ponte entre a textualidade e o leitor, precisa conhecer ambos; ter afinidade pregressa com o texto, o quadro, a canção; e ter desejo de apoiar o outro na elaboração de sentido, a partir da experiência e do acervo pessoal de vivências do leitor: o que (me) diz este quadro? O que posso dizer dele? O mediador é também um aprendiz — adiante, talvez, no caminho — que pode professar sua perspectiva, sem a considerar A verdadeira. Pois a interpretação se altera à medida que o sujeito também cresce e aparece como leitor.

Entrevistador: Quais foram as intenções formativas que orientaram a elaboração do *Almanaque do Agente de Leitura*, organizado em parceria com Nilza Rezende (2012)? Além disso, como foi pensada, nessa obra, a relação entre o ato de ler e outras expressões culturais, e de que maneira essa integração contribui para a formação de um leitor mais crítico e sensível?

Eliana Yunes: Formar um sujeito é, em verdade, fazê-lo se assumir como um SER pensante, levá-lo a pensar como exercício, desautomatizando a mente: sobre o que sente, vê, reflete, considera, justifica etc., além de desenvolver sua capacidade de escuta, de consideração da diferença, de observação das semelhanças, de respeito pela diversidade. A leitura, sobretudo a literária, a artística, o faz sem receita, porque a linearidade e a mesmice no mundo precisam de alternativas, as quais decorrem do imaginário, fonte da arte, até que virem símbolo ou opção à "normalidade".

Naquele projeto, o *Almanaque* (do árabe, local de descanso das caravanas) do *Agente de Leitura* (na verdade, um jovem convertido em leitor apaixonado, para estimular a leitura entre pares) precisava ter em mãos um tesouro gráfico que lhe apresentasse as possibilidades inúmeras do ato de ler, em diferentes linguagens, num condensado de verbetes da cultura, postos em diálogo. Ali eram possíveis viagens pela leitura, ao redor do mundo e de muitos saberes; ali, texto, imagem, diagramação, editoração, tudo levava a ler. Foram propostos roteiros por diversos leitores, narradas

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

suas estratégias de criação em uma publicação posterior (*Projeto Agentes de Leitura*), para que fosse partilhada a trajetória vivida pelos criadores.

Entrevistador: A partir de sua vasta experiência, como podem ser compreendidos os processos de mediação que favorecem a aproximação entre leitores e leitura em diferentes faixas etárias? Ademais, que lugar ocupam as memórias leitoras, envolvendo a escuta, o corpo, a narração e a leitura, na constituição do sujeito leitor?

Eliana Yunes: Creio que na primeira resposta, acima, esteja embutida esta de agora: o colo generoso, a partilha com os amigos, tudo que supõe afeto, partilha, e não apenas intergeracional. As experiências se tornam memórias que vão alimentar emoções, desejos, arrepios, sobressaltos, porque o corpo reage e fala, reage em simbiose permanente com a mente. Temos falado ultimamente em inteligência emocional. Os toques que nascem das leituras avançam na vivência e favorecem uma reflexão mais madura diante da realidade. Ler oferece viver muitas vidas, com a possibilidade de SER mais que um. Na verdade, pode alcançar o conhecimento melhor do outro, do mais próximo pelo mais distante.

Entrevistador: Para encerrarmos, existe algo que não tenha sido perguntado, mas que considera importante compartilhar sobre sua trajetória, suas reflexões, a formação de leitores ou as práticas em mediação de leitura?

Eliana Yunes: Sim. Acho importante lembrar que a consolidação da leitura depende, em grande parte, da escola, e que a alfabetização, da qual pende a leitura, ocorre entre a Educação Infantil e as primeiras séries do Fundamental I. Lá, em meio a tapetes e livros, histórias e brincadeiras, elas iniciam um amor à vida, coletivamente. E depois? Ah, depois, é cada um por si, entre deveres e provas.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

E não há receitas, pedagogias, bibliotecas e mediadores que possam transformar uma turma de alunos em bons leitores, com o conteúdo programático que o Ministério aprova (ou define) pelos didáticos. Adeus literatura, pensamento, diálogo, cooperação. Agora é categorização de sujeitos, plurais em ão, coletivos inusuais, predicados e predicativos. Claro, a gramática procura retratar a lógica da língua, mas… lógica não é bem a fase mental de uma criança. A riqueza do imaginário que a literatura deixa em aberto, a sensibilidade que ainda não tem nome, mas é viva e procura expressão… ficam de lado, complementares, eventuais. Textos no livro de classe demandam respostas solitárias.

Do primeiro ao quinto ano, o fundamental SERIA ouvir, ler, conversar, comentar, debater e escrever... PENSAR e se EXPRESSAR, cantando, desenhando, compondo, dialogando, escrevendo. Quando a língua estiver dominada pelo uso, pela literatura, a gramática virá à compreensão sem sofrimentos, porque o exercício da interpretação terá aberto caminho ao pensamento em muitas de suas facetas filosóficas, traduzidas gramaticalmente.

Disto se trata: ler primeiro, interpretar e escrever; regras, depois. A semântica e a morfossintaxe podem vir sem taxinomias “decoráveis”, quando o memorizável introjetado pelo uso da língua, oral e escrita, aplicável ao texto e ao mundo, pode ser objeto de análise lúdica, quando não estiver mais em jogo *certo x errado*, sem que se tenha necessidade senão de saber falar, ler e escrever bem.

Referências

BRAGANÇA, Aníbal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967). *Matrizes*, Vol. 2, nº 2, p.221-246, 2009. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/pt_BR/article/view/38232/41008. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html. Acesso em: 15 mar. 2026.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

BRASIL. *Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018*. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. *Diário Oficial da União:* seção 1, Brasília, DF, 13 jul. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. *Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992***.** Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1992. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm. Acesso em: 12 mar. 2026

BARROSO, Maria Alice. Instituto Nacional do Livro. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, *[S. l.]*, v. 1, n. 1/3, p. 45–63, 2017. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/803. Acesso em: 12 mar. 2026.

COELHO, João Batista. Proler: um estudo sobre a sua implementação. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, VOL. 12 9 - 2009. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/402630/per402630_2009_00129.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zita Catarina P. *A biblioteca "fora do tempo*": políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937-1989. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciência da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1437/000083832.pdf?sequence=1&isAllowed=y.Acesso em: 12 jan. 2026.

PELLEGRINI, Stella de Moraes**.** *História e memória do PROLER (1992–1996):* uma experiência instituinte de leitura. 2010. 415 f. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_4b797b971b301dab7e847eea55a4dfe3. Acesso em: 15 mar. 2026.

YUNES, Eliana. Para entender a proposta do PROLER. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992. In: PELLEGRINI, Stella de Moraes. *História e Memória do PROLER (1992-1996)*: uma experiência instituinte de leitura. Tese apresentada ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16420&idi=2&rc=1. Acesso em: 03 mar. 2026.

_____. *Pensar a leitura*: complexidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____; OSWALD, Maria Luiza. *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e 7515 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

_____. *Políticas de leitura*: registro de memórias e apontamentos críticos. *Revista Observatório Itaú Cultural* - N. 17 (ago./dez. 2014). - São Paulo : Itaú Cultural, 2007. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/observatorio17. Acesso em: 13 mar. 2026.

_____. *Tecendo um leitor*: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009

_____. *Leitores a caminho*: formando agentes de leitura. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2011.

_____; REZENDE, Nilza (Orgs). *Almanaque do Agente de leitura*. Rio de Janeiro: Compostela Comunicação, 2012.

_____; Daniela Versiani ; CARVALHO, Gilda . *Manual de Reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Rio de Janeiro: PUC-Rio; UNESP, 2012.

_____. *Professor leitor*: uma aprendizagem e seus prazeres. Curitiba: Hum Publicações, 2016.

_____. *A falta que faz a leitura (no Brasil que não lê)*. São Paulo: Semente Editorial, 2023.

_____; GALVAO, Eliane; CARVALHO, Gilda (Orgs.). *A representação da infância no texto literário*. 1. ed. São Paulo - SP: Mercado das Letras, 2022.